

Variação no uso de *porque* em português: fatores linguísticos e sociais

Joana Aguiar
joanaguiar@ipb.pt

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho

Resumo

Em português, o elemento de ligação *porque* estabelece uma relação de causalidade entre duas proposições ou dois atos de fala. Adoptando a proposta de Sweetser (1990), considera-se que a relação de causalidade pode ser tripartida em: causa real, causa explicativa, e causa interacional. Do ponto de vista sintático, as estruturas introduzidas por *porque* não constituem uma classe de estruturas homogêneas (Lobo, 2003, 2013; Peres & Mascarenhas, 2006; Mendes, 2013; Aguiar & Barbosa, 2016). Os resultados de testes de escopo e clivagem, entre outros, apoiam a classificação destas estruturas em orações subordinadas adverbiais (não periféricas) (1) e estruturas suplementares (2, 3). Neste sentido, as orações subordinadas não periféricas estão integradas na oração principal, c-comandadas ao nível de TP (Lobo, 2003), ao passo que as suplementares são estruturas paratáticas, com recurso a um operador, que estabelecem uma relação de dependência semântica com a estrutura à qual estão ancoradas, apesar de não estarem integradas, do ponto de vista sintático, nesta (Huddleston & Pullum, 2002; Peres & Mascarenhas, 2006). Tendo em consideração a classificação semântica e sintática das estruturas introduzidas por *porque*, este trabalho explora, a partir da sociolinguística variacionista (Labov, 1972), a frequência de ocorrência destas estruturas e a sua distribuição de acordo com o sexo, a idade, e a escolaridade do informante. Os *corpora* em análise são compostos: (i) por textos redigidos a pedido por informantes adultos e não adultos, mediante tarefas controladas; e (ii) por textos recolhidos da blogosfera, redigidos apenas por falantes adultos. Os resultados mostram que *porque* é mais frequente nos textos redigidos por informantes mais novos e com menos escolaridade. Pelo contrário, os informantes mais velhos e com mais escolaridade tendem a estabelecer as relações de causalidade com recurso a outros elementos de ligação. Estes resultados ilustram o facto de que a relação de causa real é mais facilmente processada, do ponto de vista cognitivo (Noordman & Blijzer, 2000). O recurso a um conector explícito de alta frequência (Costa, 2010), como é o caso de *porque* é, assim, uma estratégia básica de argumentação e de estruturação textual em falantes mais novos e em falantes com menos escolaridade.

Palavras-Chave: variação, relações de casualidade, *porque*.

Abstract

In Portuguese, *porque* ('because') may establish a causal relation between two propositions or two speech acts. By adopting the proposal of Sweetser (1990), it is considered that the causal relation may be subdivided into: real cause, explicative cause, and interactional cause. From a syntactic point of view, the structures introduced by 'porque' do not form a class of homogenous structures (Lobo, 2003, 2013; Peres & Mascarenhas, 2006; Mendes, 2013; Aguiar & Barbosa, 2016). The result of scope and cleft tests, among others, support the classification of these structures as subordinated (non-peripheral) (1) and supplements (2, 3). More specifically, the non-peripheral subordinated clauses are integrated into the main clause, and are c-commanded at TP level (Lobo, 2003), whereas the supplementation

is a paratactic structure, connected by an operator. In this case, it is established a relation of semantic dependency with the clausal structure at which the supplements are anchored, although they are not syntactically integrated (Huddleston & Pullum, 2002; Peres & Mascarenhas, 2006). Having in consideration the semantic and syntactic classification of ‘because’ structures, this paper explores the frequency of occurrence of these structures and their distribution according to the sociolinguistic variables gender, age and level of education (Labov, 1972). The *corpora* of analysis are composed of: (i) texts written upon request by informants (ages from 9 to 65); and (ii) texts collected on blogs, written by adult informants only. The results show that ‘*porque*’ is more frequent in the texts written by younger informants and informants with less years of schooling. On the other hand, in the texts written by older informants and by informants with more years of schooling, the causal relations are established using predominantly other connectives. These results illustrate the fact that real cause is easier to process from a cognitive perspective (Noordman & Blijzer, 2000). The use of a high frequency connector, such as ‘*porque*’ (Costa, 2010), is, thus, a basic strategy of argumentation and textual organization in younger speakers and in informants with less years of schooling.

Keywords: variation, causal relations, because.

1. Introdução

Este artigo tem como principal objetivo a apresentação de uma proposta de classificação, para o português europeu, das relações de causalidade, que sustente os contextos reais de ocorrência do elemento de ligação *porque*. Do ponto de vista semântico, propõe-se a tripartição da relação de causalidade em: causa real, causa explicativa, e causa interacional (Sweetser, 1990). No que diz respeito à classificação sintática, considera-se que as estruturas introduzidas por *porque* podem exibir propriedades quer de estruturas suplementares quer de estruturas subordinadas não periféricas (Aguiar & Barbosa, 2016). Para além da descrição teórica das estruturas introduzidas por *porque* e das relações de causalidade estabelecidas, este trabalho incide sobre a importância das variáveis sociais na explicação dos padrões de ocorrência observados. Neste sentido, foram recolhidos 168 textos: 120 foram redigidos a pedido, a partir uma tarefa de redação (*corpus A*), e 48 foram recolhidos em blogues (*corpus B*). A recolha e tratamento de dados obedeceu aos princípios metodológicos da sociolinguística variacionista. Os informantes estão estratificados de acordo com o grau de escolaridade (abrangendo informantes a frequentar 1.º ciclo do ensino básico a informantes com um curso superior), grupo etário e género.

2. Metodologia

Foram recolhidos dois grupos de textos, num total de 168 textos, redigidos por 84 falantes nativos do português europeu. O *corpus A* é composto por 120 textos redigidos a pedido, mediante uma lista de temas. Cada informante escolheu dois temas sobre os quais teve de escrever dois textos distintos. A amostra é constituída por 60 informantes, 30 do sexo feminino e 30 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 9 anos e os 62 anos, divididos de acordo com os seguintes intervalos: [< 10 anos], [10-12], [13-15], [15-19], [20-40], [41-65]. Os intervalos etários dos informantes com menos de 20 anos foram estabelecidos tendo em consideração a distribuição destes informantes por ciclo de estudos. Assim, para a análise da variável *nível de escolaridade*, consideraram-se todos os níveis de ensino: 1.º ciclo do ensino básico (1CEB), 2.º ciclo do ensino básico (2CEB) e 3.º ciclo do ensino básico (3CEB), secundário e superior. Como é possível depreender, alguns dos níveis de ensino são coincidentes com intervalos etários específicos, não tendo

sido possível alargar a amostra a outros informantes. No caso dos informantes com escolaridade ao nível do 3.º CEB, secundário e superior, foi possível recolher textos de informantes com intervalos etários distintos. O *corpus B* é constituído por 48 textos retirados da blogosfera. Os 24 informantes são adultos, estratificados de acordo com o sexo, a idade (entre os 20 e 40 anos e com idade superior a 40 anos) e com a escolaridade (habilitações ao nível do ensino secundário e do ensino superior). Os temas e o número de palavras por textos foram controlados. Todos informantes são falantes nativos do português europeu. Para análise da ocorrência de *porque*, foram contabilizadas 105 ocorrências no *corpus A* e 69 ocorrências no *corpus B*. Cada ocorrência foi codificada tendo em consideração as variáveis sociais acima mencionadas. No caso das orações adverbiais, observou-se, ainda, a posição da oração subordinada.

3. Relações de Causalidade

Na esteira de Sweetser (1990), considera-se que as relações de causalidade podem ser classificadas em *causa real*, *causa explicativa*, e *causa interacional*¹. Esta tripartição baseia-se em aspetos fundamentais (ver Tabela 1):

- tipologia dos atos de fala conectados (assertivo ou não assertivo)
- tipologia da relação de causalidade estabelecida (asserida ou pressuposta)
- domínio de atuação destas relações (conteúdo, epistémico, ou conversacional)

Tabela 1: Relações de causalidade

Relação de Causalidade	Ato de fala	Relação estabelecida	Domínio de atuação
Real	assertivo	asserida	Conteúdo
Explicativa	assertivo	pressuposta	Epistémico
Interacional	não assertivo	pressuposta	Conversacional

[Fonte: Aguiar (2016, p. 90)]

Tendo em consideração o exposto na Tabela 1, as relações de causa real e de causa explicativa são estabelecidas entre atos de fala assertivos, ao passo que numa relação de causa interacional pelo menos um dos atos de fala é não assertivo. Numa relação de causa real o estabelecimento do nexos causal é asserido, ao passo que numa relação de causa explicativa e de causa interacional, o estabelecimento do nexos de causalidade envolve sempre a pressuposição de uma premissa implícita. Por fim, a causa real atua no domínio do conteúdo ou factual, a causa explicativa no domínio epistémico, e a causa interacional atua no domínio conversacional ou ilocutório.

De forma a ilustrar a possibilidade de tripartição da relação de causalidade, observem-se os seguintes exemplos:

- (1) O João partiu a perna porque caiu das escadas
- (2) A vindima já deve ter acabado, porque as mulheres já estão a lavar os cestos
- (3) Vai desligar as luzes. Porque precisamos de poupar energia

Numa relação de *causa real* ou do domínio do conteúdo, como em (1), é estabelecido um nexos de causalidade direta entre o conteúdo de duas proposições (Lopes, 2005), sendo

¹ Em Sweetser (1990), *real world causality*, *epistemic causality*, and *speech-act modifier*.

uma delas interpretada como condição necessária ou favorável para a ocorrência da outra. No exemplo (1) é asserido que a o João partiu a perna porque caiu das escadas (e não por outra razão qualquer).

Numa relação de *causa explicativa*, são articuladas duas proposições, sendo uma delas apresentada como a explicação que sustenta uma dedução lógica ou um raciocínio inferencial que sustenta a afirmação (Lopes, 2009). Assim, no exemplo (2), deduz-se que a vindima já deve ter terminado, uma vez que os cestos se lavam no final da vindima. Neste caso, o alocutário reconstrói, a partir do seu conhecimento da atividade da vindima, a premissa mais geral que sustenta a inferência realizada.

Por fim, a relação de *causa interacional* é essencialmente um mecanismo regulador da interação entre locutor e interlocutor, na medida em que envolve sempre uma meta-justificação de um ato de fala não assertivo. *Porque precisamos de poupar energia* tem, neste caso, a função pragmática de justificar e mitigar a enunciação do ato de fala diretivo, impelindo o outro à ação.

Esta proposta de classificação das relações de causalidade permite a distinção mais clara dos contextos semânticos nos quais o elemento de ligação *porque* pode atuar¹.

4. Proposta de modelo de agrupamento das estruturas introduzidas por *porque*

As recentes propostas de agrupamento e classificação das estruturas de conexão frásica (Peres & Mascarenhas, 2006; Mendes, 2013; Lobo, 2013) consideram que as estruturas introduzidas por *porque* não devem ser classificadas sob a mesma denominação. De facto, os resultados de testes de escopo e clivagem, entre outros, apoiam a distinção destas estruturas em orações subordinadas adverbiais (não periféricas) e em estruturas suplementares. As orações subordinadas adverbiais estão integradas na oração principal, c-comandadas ao nível de TP (Lobo, 2003), ao passo que as suplementares são estruturas paratáticas, com recurso a um operador, que estabelecem uma relação de dependência semântica com a estrutura à qual estão ancoradas, apesar de não estarem integradas, do ponto de vista sintático, nesta (Huddleston & Pullum, 2002; Peres & Mascarenhas, 2006). De forma a ilustrar as diferenças entre as duas tipologias de estruturas, observem-se os seguintes exemplos:

- (4a). O João ganhou uma bolsa de mérito porque foi o melhor aluno da turma.
- (4b). Porque foi o melhor aluno da turma, o João ganhou uma bolsa de mérito.
- (5a). O João deve ser diabético, porque não comeu sobremesa.
- (5b). ?? Porque não comeu sobremesa, o João deve ser diabético.

Os exemplos acima ilustram o facto de as estruturas suplementares, ao contrário das estruturas subordinadas (periféricas e não periféricas), apresentarem restrições à ocorrência em início absoluto de frase. Esta rigidez de posicionamento na frase ocorre também nas orações coordenadas e nas conexões paratáticas em geral (Lobo, 2013). Veja-se que é possível parafrasear (4b) por *É porque foi o melhor aluno da turma que o João ganhou uma bolsa de mérito*, mas a paráfrase de (5b) por *É porque não comeu sobremesa que o João deve ser diabético* compromete a interpretação da relação estabelecida como explicativa. Simultaneamente, o estabelecimento de uma causa direta entre o facto de o João não ter comido a sobremesa e o facto de o João dever ser diabético não é possível.

¹ Para a sua aplicação aos restantes elementos de ligação que permitem o estabelecimento de uma relação de causalidade, veja-se Aguiar (2016).

Adicionalmente, no caso das estruturas suplementares, a relação de causalidade estabelecida entre as duas orações é sempre pressuposta, na medida em que, para o estabelecimento de uma relação de causalidade entre as duas unidades de informação é necessário que o interlocutor descodifique uma pressuposição implícita, como vimos. Por esta razão, as estruturas suplementares não permitem ser focalizadas nem clivadas.

Outro argumento a favor da distinção entre suplementares e subordinadas não periféricas é o facto de as estruturas suplementares, ao contrário das subordinadas não periféricas, apresentarem restrições à ocorrência entre o sujeito e o predicado da estrutura à qual estão ancoradas:

- (6a) O João começa a trabalhar na empresa amanhã porque já terminou o curso.
[subordinada não periférica]
- (6b) O João, porque já terminou o curso, começa a trabalhar na empresa amanhã.
- (7a) O João já terminou o curso, porque começa a trabalhar na empresa amanhã.
[suplementar]
- (7b) *O João, porque começa a trabalhar na empresa amanhã, já terminou o curso.

A inserção em estruturas de complementação (exemplos 8a e 8b) mostra que apenas as adverbiais não periféricas podem ocorrer como complemento do verbo *duvidar*.

- (8a) O Manuel duvida [que tenha chovido porque os agricultores pediram muito a Deus]. subordinada não periférica
- (8b) *O Manuel considera [que a Maria fuma, porque o cinzeiro está cheio]. estrutura suplementar

De facto, as orações subordinadas estão encaixadas a nível de TP, razão pela qual podem ser inseridas numa estrutura de complementação, ao passo que as estruturas suplementares não são dependentes, do ponto de vista sintático, da estrutura à qual estão ancoradas. Como tal, as estruturas suplementares apresentam algumas propriedades de frase raiz. Veja-se o comportamento das orações subordinadas não periféricas e das estruturas suplementares (i) quando inseridas em estruturas do tipo *se...então* (Heycock, 2006); e (ii) na presença de marcadores enfáticos (Haegeman, 2012).

- (9) Quando entrou para a faculdade, o João foi viver para a residência, porque se não queria gastar a mesada toda então tinha de poupar em alojamento. [suplementar explicativa]
- (10) *O João está com malária porque se foi picado pelo mosquito então deve começar o tratamento o quanto antes. [não periférica causal]
- (11) A Maria foi à praia, porque eu *bem* vi as marcas do biquíni. [suplementar explicativa]
- (12) * O John Lennon já não canta porque *bem* está morto. [não periférica causal]

Os exemplos acima revelam que as estruturas suplementares distinguem-se das orações subordinadas adverbiais por exibirem algumas propriedades de frase raiz (Kortmann, 1997; Haegeman, 2012; De Cat, 2012). Entre outros indícios, a estrutura suplementar introduzida por *porque* pode ser inserida em estruturas do tipo *se...então* e aceita a presença do marcador enfático (ver exemplos 9 e 11). Em contraste, a inserção da subordinada não periférica na estrutura *se...então* é questionável (ver exemplo 10). Da mesma forma, a inserção do marcador enfático *bem* em estruturas de subordinação adverbial (não periférica e periférica) gera resultados anómalos (ver exemplo 12).

Este comportamento decorre do facto de serem paratáticas e, portanto, independentes da estrutura à qual se encontram ancoradas do ponto de vista sintático; por outro lado, o facto de, nas estruturas suplementares, o grau de comprometimento do falante em relação à veracidade da proposição expressa ser maior parece facilitar a ocorrência de fenómenos restritos às frases raiz (Hopper & Thompson, 1973).

5. Resultados

A análise dos textos recolhidos indica que *porque* é o elemento de ligação mais frequente: 105 ocorrências no *corpus* A (40,7% do total de elementos de ligação) e 69 ocorrências no *corpus* B (51,5% do total de elementos de ligação). No que diz respeito às relações de causalidade estabelecidas (ver Tabela 2), constata-se que, no *corpus* A, *porque* estabelece principalmente relações de causa explicativa (70,5%), ao passo que, no *corpus* B, *porque* estabelece maioritariamente relações de causa real (59,4%). Verifica-se, também, a existência (ainda que rara) de relações de causa interacional.

Tabela 2: Relações de causalidade estabelecidas nos *corpora* em análise

		Causa Real	Causa Explicativa	Causa Interacional
<i>corpus</i> A	n.	29	74	2
	%	27,6%	70,5%	1,9%
<i>corpus</i> B	n.	41	27	1
	%	59,4%	39,1%	1,5%

No que diz respeito à posição na frase, consideraram-se apenas as orações subordinadas, uma vez que apenas nestas a anteposição é possível. Verificou-se que a maioria das adverbiais introduzidas por *porque* surge em posição final, seguindo a tendência geral para a posposição já descrita para o português (Decat, 1995; Paiva, 1998). A posição inicial ocorre apenas em informantes adultos [20-40 anos] independentemente do *corpus* em análise.

Em relação à influência dos fatores sociais, verificou-se que a frequência de ocorrência de *porque* em relação aos restantes elementos de ligação varia de acordo com a idade do informante (ver Figura 1).

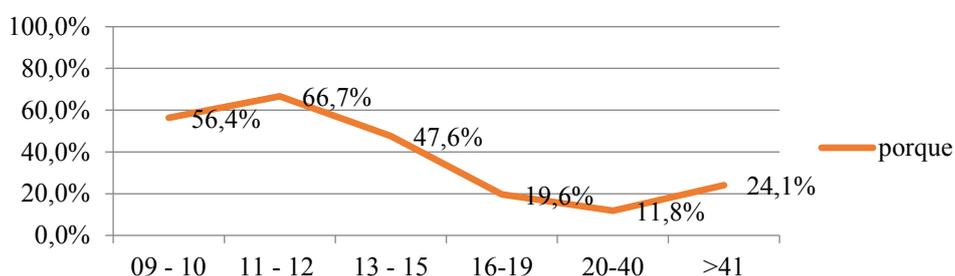


Figura 1: Percentagem de ocorrência de *porque* no *corpus* A de acordo com o intervalo etário do informante

Como vemos no gráfico da Figura 1, *porque* ocorre mais frequentemente nos textos redigidos por informantes mais novos (56,4% nos falantes com 09 e 10 anos, e 66,7% nos falantes com 11 e 12 anos). A partir da adolescência, a percentagem de ocorrência de *porque* desce. Nos textos dos informantes adultos, entre os 20 e os 40 anos, apenas 11,8% das estruturas que veiculam um nexos causal são estabelecidas através de *porque*.

Tendência semelhante é encontrada quando analisamos a distribuição de *porque* de acordo com a escolaridade do informante (Figura 2).

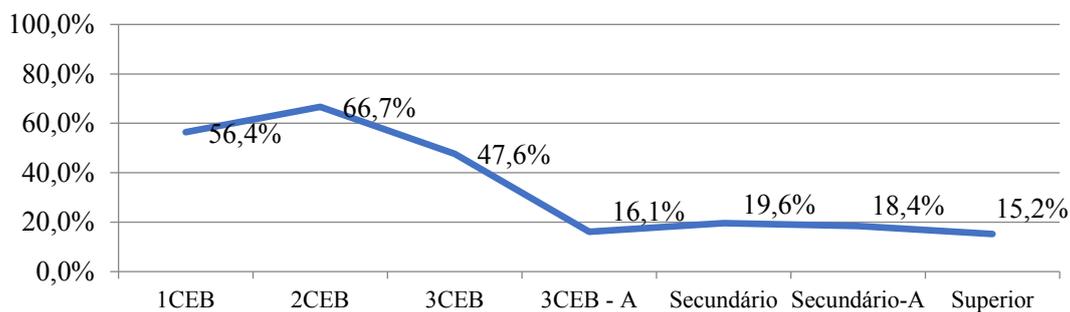


Figura 2: Percentagem de ocorrência de *porque* no *corpus A* de acordo com o intervalo etário do informante

A percentagem de ocorrência de *porque* é significativamente inferior nos textos redigidos por informantes com mais escolaridade.

O gráfico da Figura 3 ilustra a distribuição de *porque* suplementar e subordinativo de acordo com a escolaridade do informante no *corpus A*.

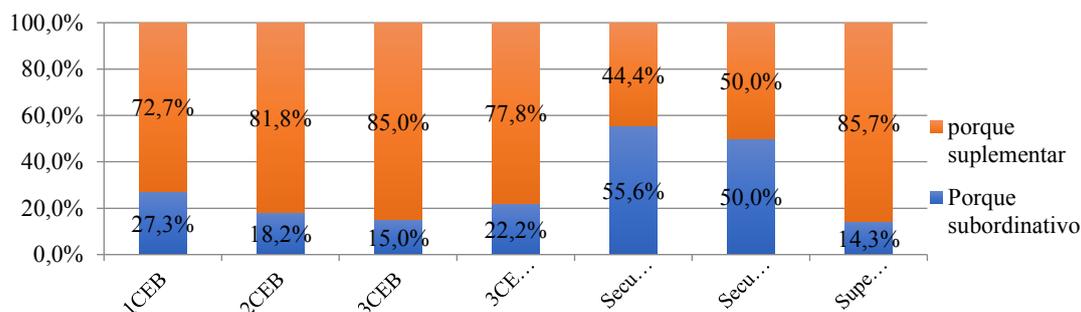


Figura 3: Percentagem de ocorrência de *porque* suplementar e subordinativo no *corpus A* de acordo com o intervalo etário do informante

No *corpus B*, constituído apenas por textos redigidos por adultos, a percentagem de ocorrência de *porque* no total de estruturas difere ligeiramente do observado no *corpus A*. Os textos redigidos por informantes com o secundário, a percentagem de ocorrência de estruturas introduzidas por *porque* é de 23,2% (44 ocorrências, das quais 29 são orações subordinadas e 15 estruturas suplementares), ao passo que, nos textos redigidos por informantes com um curso superior, 13,2% do total de estruturas (25 ocorrências) são introduzidas por *porque*. Destas, 12 são orações subordinadas e 13 estruturas suplementares. No que diz respeito à variável *idade*, verifica-se uma tendência oposta à expressa no gráfico da Figura 1 relativo ao *corpus A*. Assim, no *corpus B*, é nos informantes mais novos (entre os 20 e os 40 anos) que a percentagem de ocorrência de *porque* é superior (21,6%). Do total de 41 ocorrências, 23 são orações subordinadas e 18 estruturas suplementares. Nos falantes com mais de 41 anos, as estruturas introduzidas por *porque* correspondem apenas a 14,7% do total de estruturas. Das 28 ocorrências contabilizadas, 18 são orações subordinadas e 10 são estruturas suplementares.

Por fim, importa referir que não foram encontradas diferenças, em nenhum dos *corpora*, na distribuição de *porque* por sexo do informante.

6. Discussão

No estabelecimento de uma relação de causalidade, *porque* surge como o elemento de ligação mais frequente nos textos em análise. De facto, *porque* é, no português, um dos elementos de ligação mais precoces e mais frequentes na produção de texto (Costa, 2010). Para além disso, é, também, um elemento prototípico no estabelecimento de relações de causalidade (Lopes, 2005) e o seu uso é frequente em contextos escolares, quer na oralidade quer no registo escrito (Diessel, 2004; Diessel & Hetterle, 2011). A diferença observada na distribuição percentual de *porque*, nos dois *corpora*, exige, no entanto, uma reflexão. Vimos na Tabela 2 que, no *corpus A*, *porque* estabelece maioritariamente uma causa explicativa e, no *corpus B*, a relação de causa real é mais frequente.

Os valores observados para a distribuição de *porque*, de acordo com o tipo de relação de causalidade veiculada, no *corpus* de textos de blogues, são semelhantes aos apresentados em Paiva & Braga (2010, p. 22)¹, como ilustra a Tabela seguinte:

Tabela 3 - Distribuição de *porque* de acordo com a relação de causalidade veiculada

Corpus Relação de causalidade	Corpus A	Corpus B	Subcorpus do corpus oral Amostra Censo (Paiva & Braga, 2010)
Real	27,6%	59,4%	57,1%
Explicativa	70,5%	39,1%	40,5
Interacional	1,9%	1,5%	2,5%

[Fonte: Dados extraídos do *corpus* de textos redigidos a pedido (*corpus A*), *corpus* de textos retirados de blogues (*Corpus B*), e *subcorpus* do *corpus* oral Amostra Censo (Paiva & Braga, 2010, p. 22).]

A propósito da distribuição de *porque*, é de salientar a sobreposição dos domínios semântico e sintático. O estabelecimento de relações de causa real com recurso à conjunção *porque* assume sempre a configuração sintática de subordinação. Do mesmo modo, o estabelecimento de uma relação de causa explicativa através de *porque* assume a configuração sintática de suplementação. Tendo em consideração o exposto, os resultados expostos na Tabela 3 encontram reflexo nas conclusões de Decat (1995) a propósito da influência da modalidade e do género textual na frequência de ocorrência de estruturas hipotáticas. Segundo a autora, as produções orais de carácter dissertativo potenciam a ocorrência de estruturas hipotáticas com valor de *motivo*. Tendo em consideração o mencionado, os únicos valores que não seguem esta tendência são os obtidos nos textos redigidos a pedido. Nestes, verifica-se um maior uso das estruturas suplementares introduzidas por *porque*, veiculadoras de uma relação de causa explicativa. Nos textos redigidos a pedido, o autor, partindo de uma tarefa pré-definida, apoia os argumentos nas suas crenças e na avaliação que faz dos acontecimentos. A relação de causalidade estabelecida é pressuposta. A percentagem elevada de relações de causa explicativa estabelecidas através de orações suplementares introduzidas por *porque* pode, ainda, ser explicada pelo facto de, neste *corpus*, haver menos espaço para sequências narrativas. Em contraste, nos blogues e no discurso oral, há, frequentemente, a inserção de relatos pessoais ou narrativas de eventos. Estas passagens promovem o estabelecimento de relações de causa real, na medida em que a relação estabelecida entre dois estados de coisas é asserida.

¹ Este trabalho teve por base uma amostra de fala espontânea da variedade falada no Rio de Janeiro, Brasil (Amostra Censo 1980), recolhida entre 1980 e 1984 na cidade do Rio de Janeiro (Paiva & Duarte, 2003).

No que diz respeito à distribuição de *porque* de acordo com os fatores sociais (escolaridade e idade) é notória a predominância de *porque* nos textos redigidos por informantes mais novos e por informantes com menos escolaridade. Para estes valores concorre o facto de as estruturas introduzidas por *porque* (quer sejam subordinadas quer sejam suplementares), serem apresentadas, nos primeiros anos de escolaridade, como prototípicas no estabelecimento de uma relação de causalidade (Lopes, 2004). Para além disso, a conjunção *porque* surge quase sempre em pares de pergunta-resposta (Braunwald, 1997; Diessel, 2004; Diessel & Hetterle, 2011), especialmente em contexto escolar e pré-escolar. Sabe-se, também, que até ao 3.º CEB a proficiência no uso de estruturas que veiculam relações de causalidade está ainda em desenvolvimento (Lopes, 2004), o que pode explicar a percentagem mais elevada de estruturas introduzidas por *porque* nos primeiros anos de escolaridade, quer sob a forma de orações subordinadas não periféricas quer sob a forma de estruturas suplementares.

Verificou-se, ainda, que, nos falantes com escolaridade ao nível do secundário, a frequência relativa de *porque* subordinativo e *porque* suplementar é semelhante (ver gráfico da Figura 3). Estes resultados devem ser lidos tendo em consideração a percentagem relativa de ocorrência de *porque* nos textos redigidos por estes informantes: 19,6% nos textos redigidos por adolescentes e 18,4% nos textos redigidos por adultos. Adicionalmente, é sabido que adultos com o secundário usam uma maior variedade de elementos de ligação (Aguar, 2016; Macaulay, 2005).

Outro dado a considerar é o facto de os textos redigidos por informantes com menos escolaridade (e mais novos) serem mais curtos e com menor densidade lexical (Gouveia, 2013). Comparem-se, por exemplo, os seguintes excertos:

(13) Percebemos muito bem que certas notícias não saem em determinados meios de comunicação por não contribuírem para a imagem limpinha que os seus donos pretendem vender ou *porque* podem vir a embaraçar algum accionista maioritário com negócios pouco recomendáveis. [Informante 72.2¹]

(14) A minha mãe não tem férias este ano porque está a trabalhar à pouco tempo na firma. [Informante 1.1²]

O exemplo (14) reflete, ainda, uma tendência dos textos redigidos por crianças: a inclusão de informação pessoal e de referências ao seu quotidiano nas suas narrativas (Coutinho, 2003).

Importa, também, referir a ocorrência (ainda que residual) de relações de causa interacional estabelecidas através de *porque* (ver exemplos (15) e (16)).

(15) Nunca ponhas, o teu nome, onde vives, onde é a tua escola e o teu número de telefone, porque nunca sabes quem está do outro lado. [Informante 3.2³]

(16) E não me falem da SIDA, por favor, porque já está mais que provado que não é a doença dos homossexuais como se quis fazer crer. [Informante 76.2]

A presença de relações de causa interacional nos textos redigidos por crianças é o reflexo da fase de desenvolvimento do conhecimento da escrita em que estes informantes se encontram. Nesta fase, os textos redigidos são frequentemente centrados no próprio,

¹ Informante do sexo masculino, com idade compreendida entre os 20 e os 40 anos, licenciado. Fonte: <http://www.100cabecas.blogspot.com>

² Informante do sexo feminino, com 9 anos, a frequentar o 4º ano.

³ Informante do sexo feminino, com 9 anos, a frequentar o 4º ano.

evoluindo paulatinamente para textos mais orientados e regulados para uma audiência (Gouveia, 2013). É também nos textos redigidos por crianças que é mais frequente encontrarmos marcas da oralidade, uma vez que estes informantes se encontram na primeira fase de desenvolvimento da escrita (Christie & Derewianka, 2009) e recorrem frequentemente a padrões ou estruturas que utilizam na oralidade (Oliveira, 2011). Em contraste, os informantes com mais escolaridade, ao redigirem um texto que será publicado num blogue, fazem uso do pressuposto de que o texto será lido, comentado e debatido. O uso de relações de causa interacional serve, assim, o propósito de convocar o outro para o diálogo.

Por fim, no que diz respeito à posição das orações subordinadas não periféricas, verificou-se que a anteposição é rara e ocorre apenas nos textos de falantes adultos, com idade compreendida entre os 20 e os 40 anos (exemplos (17) e (18)).

(17) Esta senhora, **porque bateu palmas à intervenção do mister**, apoia a ideia bárbara de que uma mulher que engravide na sequência de uma violação deve ser obrigada a levar até ao fim essa gravidez, sob pena de, caso a interrompa, ir parar à cadeia. [Informante 64.2]¹

(18) Ao mesmo tempo, **e porque também não é assim tão fácil esta busca**, deveriam mostrar alguma utilidade ao país, fazendo trabalho comunitário, voluntariado ou até mesmo formações profissionais. [Informante 38.1]²

De facto, a anteposição requer um maior esforço cognitivo e maior capacidade de planificação (Ford, 1993), razão pela qual a sua ocorrência nos textos redigidos por falantes mais novos e com menos escolaridade é inexistente.

7. Conclusões

As estruturas introduzidas por *porque* não constituem uma classe homogénea. Vimos que, de acordo com o seu comportamento sintático, as podemos classificar como subordinadas não periféricas ou como estruturas paratáticas suplementares. No que diz respeito à relação semântica veiculada, considera-se que a relação de causa pode ser subdividida em: causa real, causa explicativa e causa interacional.

Este artigo explora os contextos de ocorrência de *porque* num *corpus* de 168 textos, redigidos por informantes estratificados de acordo com o sexo, a idade e a escolaridade. A análise dos resultados indica que as variáveis *escolaridade* e a *idade* influenciam a ocorrência das estruturas introduzidas por *porque*. Assim, à medida que a idade e a escolaridade do informante aumentam, regista-se uma diminuição das estruturas introduzidas por *porque*. Verificou-se, ainda, que a anteposição das orações subordinadas é rara e ocorre apenas em textos redigidos por informantes adultos. Por fim, não se verifica a influência da variável *sexo* na distribuição da ocorrência de *porque*.

8. Referências

Aguiar, J. (2016). Mecanismos de conexão frásica: a importância das variáveis sociais. Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

¹ Informante do sexo masculino, com idade compreendida entre os 20 e os 40 anos, licenciado. Fonte: <http://antologiadoesquecimento.blogspot.com>

² Informante do sexo feminino, com idade compreendida entre os 20 e os 40 anos, ensino secundário.

- Aguiar, J., & Barbosa, P. (2016). Establishing causal relations in European Portuguese: coordination and subordination in a stratified *corpus*. In F. Pratas, S. Pereira & C. Pinto (Eds.), *Coordination/Subordination. Form and Meaning - Selected Papers from CSI* (pp.1-22). Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- Braunwald, S. R. (1997). The development of because and so: Connecting language, thought and social understanding. In J. Costermans & M. Fayol (Eds.) *Processing interclausal relationships in the production and comprehension of text*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associate.
- Costa, A. L. (2010). *Estruturas contrastivas: desenvolvimento do conhecimento explícito e da competência de escrita*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Coutinho, M. A. (2003). *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Christie, F. & Derewianka, B. (2008). *School Discourse: Learning to Write across the Years of Schooling*. London: Continuum.
- De Cat, C. (2012). Towards an interface account of root phenomena. In L. Aelbrecht, L. Haegeman & R. Nye (Eds.) *Main clause phenomena: New Horizons* (pp.135-157). Amsterdam: John Benjamins.
- Decat, M. B. (1995). Relações adverbiais e gênero do discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 28, 19-36.
- Diessel, H. (2004). *The acquisition of complex sentences*. Cambridge: CUP.
- Diessel, H., & Hetterle, K. (2011). Causal clauses: A cross-linguistic investigation of their structure, meaning, and use. In P. Siemund (Ed.), *Linguistic Universals and Language Variation* (pp. 21-52). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Ford, C. (1993). *Grammar in interaction: adverbial clauses in American English conversations*. Cambridge University Press.
- Gouveia, C. A. M. (2013). Writing development in Basic School Years in Portugal: Report on a Pilot Project. In Ferreura, J. C. V. et al. (Orgs.), *A Scholar for all Seasons - Homenagem a João de Almeida Flor* (pp. 209-222). Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa.
- Haegeman, L. (2012). *Adverbial Clauses, Main Clause Phenomena, and Composition of the Left Periphery*. The Cartography of Syntactic Structures, Volume 8. Oxford University Press.
- Huddleston, R., & Pullum, G. (2002). *The Cambridge Grammar of the English Language*. Cambridge University Press.
- Heycock, C. (2006). Embedded root phenomena. In M. Everaert & H. van Riemsdijk (Eds.), *The Blackwell Companion to Syntax* (volume II, pp. 174-209). Oxford: Blackwell.
- Hooper, J. & Thompson, S. (1973). On the applicability of Root Transformations. *Linguistic Inquiry* 4, 465-97.
- Labov, W. (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Lobo, M. (2003). *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Lobo, M. (2013). Subordinação adverbial. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura, A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português*, volume II (pp. 1981-2060). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, H. C. (2004). *Aspectos Sintáticos, Semânticos e Pragmáticos das Construções Causais. Contributo para uma Reflexão sobre o Ensino da Gramática*, Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Lopes, A. C. M. (2005). Texto e Coerência. *Revista Portuguesa de Humanidades* 9 (1/2), 13-33.
- Lopes, A. C. M. (2009). Justification: a coherence relation. *Pragmatics*, 19 (2), 223-239
- Lopes, A. C. M. (2012). Contributos para uma análise semântico-pragmática das causais de enunciação no português europeu contemporâneo. *Alfa* 56 (2), 451 - 468.

- Macaulay, R. (2005). *Talk That Counts – Age, Gender, and Social Class Differences in Discourse*. Oxford: Oxford University Press.
- Mendes, A. (2013). Organização textual e articulação de orações. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura, A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português*, volume II (pp. 1691-1755). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Noordman, L. G. M., & Blijzer, F. (2000). On the processing of causal relations. In E. Couper-Kuhlen & B. Kortmann (Eds.) *Cause, Condition, Concession and Contrast. Cognitive and Discourse Perspectives* (pp. 35-56). New York: Mouton de Gruyter.
- Oliveira, M. C. (2011). *A sintaxe da coordenação e os conectores conclusivos - estudo de caso: a coordenação conclusiva na estruturação de textos argumentativos de jovens em idade escolar*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Paiva, M. C. A. (1998). Variação e especificidades funcionais no domínio da causalidade. *Revista de Estudos da Linguagem* 7(2), 9-28.
- Paiva, M. C. A., & Braga, M. L. (2010). Cláusulas causais introduzidas por porque: da sintaxe ao discurso. In M. C. Mollica (Org.). *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana* (pp. 55-71). Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro.
- Peres, J. A., & Mascarenhas, S. (2006). Notes on sentential connections (predominantly) in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 5, 113-169.
- Sweetser, E. (1990). *From etymology to pragmatics, Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press.